



Construção de narrativas de mulheres em prisões: gênero, diferença e atuações possíveis

Palavras-Chave: prisão; gênero; mulheres

Autores(as):

Isabela Eduarda Guedes, IFCH/UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). Guita Grin Debert (orientadora), IFCH/UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). Natália Bouças do Lago (coorientadora), PAGU/UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa teve por objetivo analisar as histórias vivenciadas e contadas por mulheres privadas de liberdade ou egressas do sistema prisional, considerando as relações estabelecidas por elas dentro e fora das prisões. Ao longo da pesquisa, recorri à revisão bibliográfica de produções recentes que tratam de mulheres em prisões e trabalhei com três documentários cujos temas envolvem a experiência de mulheres com o cárcere.

A segurança pública, o aumento da violência urbana, política de “guerra às drogas”, encarceramento em massa e problemas relacionados à superlotação das prisões estão em discussão na antropologia urbana. O aumento da taxa de encarceramento de mulheres no Brasil indica a necessidade de analisar esse fenômeno considerando diversos fatores relacionais para compreender não somente as motivações que as levaram ao tráfico de drogas, mas também como se organizam dentro do “mundo do crime”, bem como as posições que ocupam e as interações construídas a partir do ambiente prisional.

Apesar de ser um eixo que compreende as relações sociais dentro de penitenciárias femininas, as perspectivas de gênero não são exclusivas dessas instituições e fazem parte também das prisões masculinas (DAVIS, 2018). Tendo isso em vista, a análise se expandiu para além das prisões femininas. Guilherme Boldrin (2017), Marcio Zamboni (2020) e Vanessa Sander (2021) foram autores analisados para contribuir com a discussão a respeito da população LGBT e os percalços enfrentados por essa parcela de indivíduos nas instituições prisionais, articulando gênero, sexualidade, violência e discriminações.

METODOLOGIA:

A pesquisa se desenvolveu a partir de revisão bibliográfica de livros e artigos na área das Ciências Sociais e da análise de três documentários audiovisuais, sendo eles “Se eu não tivesse amor”, de direção de Geysa Chaves; “O Cárcere e a rua” dirigido por Liliana Sulzbach; e “Dindas”, de Lara Buitron e Vitor Lima. A análise dos documentários buscou catalogar e selecionar cenas, agrupando tópicos pertinentes para a pesquisa. Com auxílio do método de *close reading* (leitura atenta) foi possível explorar as múltiplas possibilidades de leitura do texto audiovisual, investigando forma, estrutura, sons, vocabulários, além da própria temática exposta nos materiais.

Já em relação à pesquisa bibliográfica, os tópicos identificados diziam respeito à inserção das mulheres no comércio ilegal de drogas e no “mundo do crime”, bem como as dificuldades em relação ao mercado de trabalho posteriores à prisão; ao uso de medicamentos nas unidades penitenciárias femininas; às relações que os indivíduos privados de liberdade estabelecem dentro e fora das penitenciárias, antes, durante e após a passagem pela prisão; à violência dentro e fora das instituições prisionais por discordâncias ou preconceitos envolvendo gênero e sexualidade; e à situação das mulheres estrangeiras presas em território brasileiro, que revelam a dificuldade de comunicação pela ausência de conhecimento do idioma, somada à ausência de familiares no país de aprisionamento, moldando outros tipos de relações de trocas, negociações e formas de ajuda e cuidado dentro da cadeia (BUMACHAR, 2016; LAGO, 2014; 2019; PADOVANI, 2010; 2015).

Considerando a bibliografia, a primeira parte da pesquisa voltou-se à análise etnográfica do documentário *O Cárcere e a rua*, detalhando expressões, falas, comportamentos, vestimentas, ângulo de cena, cores, cenário, sonoridade do ambiente e demais características apresentadas nos trechos escolhidos, adensando a análise acerca do uso de medicamentos nas penitenciárias. Os resultados obtidos nesta etapa da pesquisa foram apresentados no Relatório Parcial, entregue em março de 2023. Em seguida, buscou-se investigar as questões de gênero e sexualidade nas penitenciárias a partir da análise do documentário *Dindas*. Ademais, explorou-se como as mulheres em situação de prisão percebiam a vida encarcerada, como elas conectavam suas vidas dentro e fora das prisões, o que elas diziam a respeito do “mundo do crime” (RAMALHO, 1979) relacionando questões de cuidado (DEBERT, 2017) e trabalho, bem como as relações afetivas e familiares, conectando com o documentário *Se eu não tivesse amor*.

RESULTADOS E CONCLUSÕES:

Do ponto de vista da produção acadêmica, nos últimos anos houve um crescimento exponencial de pesquisas envolvendo mulheres em prisões, considerando diferentes recortes na experiência da prisão.

A partir dos dados obtidos na pesquisa, observou-se que no âmbito da saúde, ao narrarem parte de suas trajetórias antes, durante e após a passagem pela prisão, as três protagonistas de *O cárcere e a rua* recorreram ao assunto dos medicamentos. Cláudia, detenta mais velha da Penitenciária Feminina Madre Pelletier, em Porto Alegre, cita em seu depoimento que “Não dá pra segurar de ‘cara limpa’, como diz as gurias, né? Precisa. Ninguém tira cadeia sem tomar remédio”. Betânia, outra detenta, revela às câmeras o receio de procurar a psiquiatra e ter como retorno a resposta de que ela “estava louca”. Porém, diante da situação de estresse proporcionado pelo ambiente prisional, ela decide conversar com a especialista, dando início ao seu tratamento medicamentoso. Esse trecho mostra como as limitações consequentes da vida dentro da penitenciária podem colaborar para o início do uso de medicamentos. Em outra cena, Daniela, uma mulher de 19 anos, está grávida e aguarda julgamento da acusação de ter assassinado o próprio filho. No final é relatado que a transferiram para um “manicômio judicial”, os chamados “hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico”.

De acordo com Didier Fassin (2019), o sofrimento psíquico apresenta-se enquanto um elemento constitutivo da vida em detenção. No âmbito nacional, o trabalho de Fabio Mallart (2019) traça continuidades entre prisões e unidades de tratamento psiquiátrico em circuitos de controle de corpos com o uso de medicamentos. Embora os medicamentos sejam utilizados pela administração penitenciária com o intuito de gerenciar os corpos em cárcere, os psicofármacos parecem ser vistos pela população carcerária como um auxílio para o cumprimento da pena. Em outras palavras, é a maneira com que os detentos minimizam o sofrimento provocado pela vida no cárcere.

É evidente que embora haja uma diversidade de temas nos estudos em prisões, grande parte se conecta com as relações estabelecidas pelos indivíduos privados de liberdade. No curta-metragem *Dindas*, que retrata o espaço LGBT (ala das Dindas) no presídio masculino Frei Damião de Bozano em Recife, uma das interlocutoras conta descontente que dentre todas as coisas que poderia sentir falta no mundo, a ausência que mais incomoda é a falta de amor, principalmente da família. Outra protagonista da mesma penitenciária diz que “quem tira visita do preso não é mulher nenhuma, é mãe. É mãe que não deixa desamparado”. As duas falas se complementam, expondo o abandono sofrido pela população carcerária de transexuais e travestis em contraponto aos homens cisgêneros da penitenciária que recebem visitas de familiares.

Além disso, é recorrente no discurso das mulheres presas a menção à relação afetiva com sujeitos masculinos como disparadoras de atos considerados criminosos e, conseqüentemente, na prisão. As relações amorosas aparecem em suas falas, nesse sentido, como outra maneira de introdução no “mundo do crime”. Ser companheira de um homem envolvido com o crime era um facilitador para adentrar nesse mundo, como apresentado no documentário *Se eu não tivesse amor*. Ademais, há na fala das mulheres uma constatação do tráfico enquanto um “trabalho” diante da necessidade de criar filhos e sustentar uma residência, provendo cuidado para seus familiares.

Outro ponto ressaltado nos documentários é a dificuldade de encontrar emprego e ter carteira assinada após a saída da prisão. Enquanto Dione, de *Se eu não tivesse amor* questiona a responsável pela direção do documentário se ela a empregaria, Cláudia e Betânia em *O Cárcere e a rua* mostram empiricamente essa problemática no regime semiaberto, marcada pelo estigma acerca dos egressos das prisões, o que resulta muitas vezes nos empregos informais como única saída.

Por fim, pesquisar muitas vezes é como desembulhar um pacote embalado em diversas camadas de temáticas que se associam e se ramificam. Isto é, ao me debruçar sobre as narrativas de mulheres em prisões outras temáticas apareceram, o que possibilitou a ampliação não só da compreensão de aspectos propostos e esperados nesse projeto, como também possibilitou a idealização de pesquisas adjacentes e futuras. A partir do documentário *O Cárcere e a rua*, dirigido por Liliana Sulzbach, identificou-se um entrelaçamento entre prisões, gênero, sexualidade e saúde, com ênfase nas discussões sobre saúde mental e mulheres privadas de liberdade. Sendo assim, derivou-se desta pesquisa uma nova proposta de iniciação científica considerando os temas citados acima.

BIBLIOGRAFIA

BOLDRIN, G. **Desejo e Separação**: monas, gays e envolvidos num presídio em São Paulo. Dissertação de mestrado. São Carlos, UFSCAR, 2017.

BUITRON, Lara; LIMA, Vitor. Documentário “**Dindas**”. Documentário. Brasil, 2014. Direção: Lara Buitron e Vitor Lima.

BUMACHAR, Bruna. **Nem dentro, nem fora**: a experiência prisional de estrangeiras em São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2016.

CHAVES, Geysa. Documentário “**Se eu não tivesse amor**”. Documentário. Brasil, 2010. Direção: Geysa Chaves.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2018 [2003].

Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), 2ª edição. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, Departamento Penitenciário Nacional, 2018.

DEBERT, Guita; PULHEZ, Mariana (orgs.). **Desafios do cuidado: gênero, velhice e deficiência**. Campinas: Unicamp, IFCH, 2017.

FASSIN, Didier. **A sombra do mundo: uma antropologia da condição carcerária**. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

LAGO, Natália B. **Mulheres na prisão: entre famílias, batalhas e a vida normal**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

LAGO, Natália B. **Jornadas de visita e de luta: tensões, relações e movimentos de familiares nos arredores da prisão**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MALLART, Fábio. **Findas linhas: circulações e confinamentos pelos subterrâneos de São Paulo**. São Paulo, 2019.

PADOVANI, Natália C. **“Perpétuas espirais”**: Falas do poder e do prazer sexual em trinta anos (1977-2009) na história da Penitenciária Feminina da Capital. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

PADOVANI, Natália C. **Sobre casos e casamentos: afetos e “amores” através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2015.

RAMALHO, JR. **Mundo do crime: a ordem pelo avesso**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008 [1979].

SANDER, Vanessa. **Pavilhão das sereias: uma etnografia dos circuitos de criminalização e encarceramento de travestis e transexuais**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 16(2), jul.-dez de 1990.

SULZBACH, Liliana. Documentário **“O Cárcere e a Rua”**. Documentário. Brasil, 2004. Direção: Liliana Sulzbach.

ZAMBONI, Marcio B. **A População LGBT Privada de Liberdade: sujeitos, direitos e políticas em disputa**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

ZAMBONI, Marcio. LAGO, Natália B. O sexo das prisões: gênero e sexualidade em contextos de privação de liberdade. In: SAGGESE, Gustavo; MARINI, Marisol; LORENZO, Rocío; SIMÕES, Júlio; CANCELA, Cristina D. (Orgs.). **Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica**. São Paulo: Terceiro Nome; Editora Gramma, 2018.